



O PAPEL DO PROFESSOR NA RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DE JOVENS E ADULTOS

Deise Roque de Oliveira*

RESUMO

Neste artigo analisaram-se as condições pedagógicas vivenciadas pelos educadores do Centro de Educação de Jovens e Adultos Silva Freire, em Sinop - Mato Grosso. Objetivou-se analisar e refletir as práticas desenvolvidas pelos educadores dessa modalidade, visando traçar um panorama a respeito das relações entre educador-educando, teoria-prática. Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa com estudo de caso, cujo instrumento de coleta de dados consistiu em entrevistas. Constatou-se que o perfil discente é formado em grande parte por trabalhadores e que a relação destes sujeitos para com a escola é caracterizada pelo reconhecimento do papel da instituição na formação individual e, ao mesmo tempo, de estranhamento.

Palavras-chave: Educação. Jovens e Adultos. Práticas pedagógicas. Papel do professor.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, considera-se que a educação seja um fator indispensável para a formação de uma pessoa, compondo estruturalmente a organização social, política, econômica e cultural da sociedade. Sua força reside em ser consentida como uma instituição pilar da atual estrutura societária e organizadora das relações individuais e coletivas.

A Educação de Jovens e Adultos corresponde à modalidade de educação escolar básica oferecida em nível de Ensino Fundamental e Médio, com uma proposta político-pedagógica que acredita em uma multiplicidade teórica e metodológica, considerando a

* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **O PAPEL DO PROFESSOR NA RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL DE JOVENS E ADULTOS**, sob a orientação do Professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: deise_roquedeoliveira@hotmail.com.

realidade do sujeito envolvido neste processo, a fim de enriquecer a prática pedagógica e possibilitar a diversidade de aprendizagens norteadas pelos valores apresentados na Lei Federal nº 9394/96.

De forma mais específica, a pretensão deste trabalho foi analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Para a investigação, buscou-se apreender os fundamentos necessários, explícitos e tácitos, que norteiam a formação dos educadores de EJA. Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa foram os professores que atuam na educação de jovens e adultos e seus respectivos alunos.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores na Educação de Jovens e Adultos. Nesta perspectiva foi possível observar as relações produzidas entre teoria e prática no campo das vivências do Educador e dos Educandos.

A educação de jovens e adultos possui muitas especificidades e requer mais que um coletivo de profissionais preparados para atuar de forma integral aos interesses expostos ao próprio modelo pedagógico. Exige novas posições políticas de educação e, necessariamente, projetos alternativos ao modelo de escola vigente. Esse último pressupõe além da inclusão de uma parcela das camadas populares a um direito fundamental, a educação, o preparo no interior do processo educacional para a participação na vida pública e acesso aos bens socioculturais a que toda pessoa tem direito (crianças, jovens, adultos e idosos) de fato.

2 CONCEITO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil acompanhou as mudanças político-econômicas ocorridas no Brasil, que foram resultantes do aumento da complexidade de sua formação social e econômica. No entanto, não se pode esquecer a crise do sistema escravocrata brasileiro e a emergência de mão de obra assalariada para o trabalho livre no século XIX no que tange a oferta de educação escolar.

A crise do sistema escravocrata e a necessidade de uma nova forma de produção são alguns dos motivos para a difusão das escolas noturnas, entretanto, essas escolas tiveram um alto índice de evasão o que contribuiu consideravelmente para o seu fracasso. Ressurgindo novamente em 1880, com o estímulo dado pela reforma eleitoral - lei - Saraiva -, chegando-se a cogitar a extensão da obrigatoriedade escolar aos adolescentes e adultos nos lugares em que se comprovasse a inexistência de escolas noturnas. (PAIVA, 2003, p. 168).

Passado quase noventa anos, as lutas populares, nas décadas de 1950 e 1960, por acesso à escola e o direito da classe popular a educação escolar culminaram no surgimento da Lei 5.692/71 no Brasil, pela qual foi instituído o Ensino Supletivo de 1º e 2º graus. A referida Lei, em seu artigo 1º regulamentava que:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania. (BRASIL, 1971).

As políticas de educação de jovens e adultos caminhavam para consolidar os resultados das lutas pelo direito e acesso à escola e apontavam para o desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades. Esse movimento se firmou com o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Base (LDB) Lei nº 9.394, de 1996, “a Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada”.

Os desafios atuais de educação de jovens e adultos consistem agora fazer emergir com concretude a educação de qualidade efetivamente crivada das necessidades da classe popular. E que a prática docente efetivamente seja dimensionada para ações pedagógicas mediadoras entre uma educação escolar e as necessidades de jovens e adultos sob os horizontes populares: sujeitos de vivências.

3 RELAÇÕES PRODUZIDAS NO CAMPO DAS VIVÊNCIAS DO EDUCADOR E DOS EDUCANDOS DA EJA

Vivemos em uma sociedade cujo mercado de trabalho, a cada dia, necessita de maior contingente de mão de obra qualificada. No entanto, alguns trabalhadores muitas vezes não possuem muitas opções de atuação, devido à sua baixa escolaridade, fazendo com que não se encaixem nas demandas que esse mercado de trabalho exige.

Voltar à sala de aula, para estes sujeitos, é uma maneira de recuperar o tempo em que se esteve afastado da escola. Essa busca pela escolarização se apresenta pela necessidade de atuar no mercado de trabalho, e essa situação é a de muitos trabalhadores que frequentam as salas do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Silva Freire, localizado no Município de Sinop.

O retorno à sala de aula vai muito além de aprender a ler e escrever, uma vez que este aluno está inserido em um contexto social no qual atua, mesmo que de forma indireta. Nesse

sentido, a EJA representa uma promessa de firmar um caminho de desenvolvimento humano e profissional a todas essas pessoas. Proporcionar aprendizagens efetivas, contextualizar as aulas e, principalmente, aproveitar a bagagem de experiência dos alunos na Educação de Jovens e Adultos é de extrema importância.

Segundo Pinto (2000, p. 85), a realidade social do adulto é que ele é membro da sociedade e parte da produção social, da direção da sociedade e das suas relações, inclusive como parte do processo de reprodução da espécie.

É diante do reconhecimento mútuo que cada um se torna o que é. A educação, nesse caso, deve se apresentar de uma forma que permita que professores e alunos interajam em busca de um mesmo objetivo, seja nos seus valores, troca de experiências ou mesmo ideias.

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história. (FREIRE, 1996, p. 10).

Quando o sujeito começa a frequentar a sala de aula, se sente mais valorizado, sua autoestima aumenta e seu modo de pensar passa a ser diferente, pois este aluno começa a interagir com outros que possuem um objetivo em comum, experimentando assim a liberdade de novos conhecimentos e o poder da expressão individual e coletiva, mesmo que às vezes os sujeitos sintam certo receio em compartilhá-la.

Desta forma, o sujeito passa a se sentir membro atuante de uma sociedade. Esses jovens e adultos são pessoas que estão partilhando seus valores e experiências de vida e, na medida em que se conhecem, descobrem afinidades, sobretudo o interesse comum para com o aprendizado escolar como garantia de melhores condições de vida.

Os educadores precisam procurar métodos e práticas educativas adequadas à realidade cultural e ao nível de dificuldades dos jovens e adultos. Por muito tempo, o ato de aprender foi considerado sinônimo de memorização e, por conta disso, a escola deveria se organizar para exercer a função primordial de repasse do maior número possível de informações aos alunos:

Em consequência, ao ensinar as primeiras letras ao adulto, a sociedade estará abrindo as portas para suas exigências educacionais futuras. E não somente é compelida a satisfazê-las, e, portanto deve desde agora preparar-se para isso, mas unicamente assim adquire sentido o intento atual da educação de adultos. Se assim fosse, a sociedade estaria se empenhando num enorme esforço para nada [...]. (PINTO, 2000, p. 85).

Nessa perspectiva, levando em conta o compromisso da sociedade para com a formação dos sujeitos, Freire (2007, p. 10) ressalta que “sempre confiáramos no povo. Sempre rejeitáramos formulas doadas. Sempre acreditáramos que tínhamos algo a permutar com ele, nunca exclusivamente a oferecer-lhe”.

Considerando as ideias expostas pelos autores elencados, a presente pesquisa visa apresentar as relações produzidas no campo das vivências entre educador e educandos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Silva Freire do município de Sinop.

Nas entrevistas realizadas, foram ouvidos educadores e educandos, matriculados no período matutino da referida instituição. Quando questionados a respeito de sua relação para com o educador e o ambiente escolar, os educandos afirmaram o seguinte:

(01) João Ferreira¹: Eu tenho uma relação muito boa com meus professores, sabe? Eles são muito bons, tratam a gente com respeito, são atenciosos, às vezes eu tenho dificuldade de entender o que ele fala, mas não é culpa dele, é porque eu tenho muita dificuldade mesmo, principalmente na matemática... Nossa a matemática é complicada de mais, aquelas contas... Mas é isso, eu não tenho do que reclamar dos professores, eles são um exemplo para a gente.

(02) Mariano Dionizio²: Olha, a minha relação com meus professores é ótima, nossa, eles são muito pacientes, porque eles têm que ter muita, né? Eu, como fiquei muitos anos fora da escola, não foi muito fácil chegar até aqui, porque para falar a verdade eu tinha medo dos professores, a gente mesmo tem preconceito com isso, mas foi bem diferente, agora eu já estou no 2º no fundamental, estou aprendendo muito com meus professores, eles tem um dom que veio de Deus, não tenho do que reclamar deles.

Nas entrevistas acima, os alunos se explicitam ora sobre o retorno à escola e suas dificuldades pessoais relacionadas à aprendizagem, ora sobre do tempo que passaram longe da escola.

¹ João Ferreira, do sexo masculino tem 25 anos. Trabalha no depósito de um supermercado. Parou de estudar aos 13 anos pelo motivo de morar com a mãe e tinha que ficar com os irmãos para que a mãe fosse trabalhar. Desde então, ficou sem estudar por alguns anos e só no ano de 2014, que seus irmãos já cresceram e ele saiu de casa porque se casou, resolveu voltar aos estudos.

² Mariano Dionizio, do sexo masculino, tem 52 anos. Trabalha como mestre de obras parou de estudar ainda criança e não lembra quantos anos ele tinha quando deixou a escola. O motivo pelo qual deixou a escola, segundo ele é porque na época ele não tinha noção da importância que tinha a escola e seus pais nunca o incentivaram a estudar. Por essa razão abandonou os estudos e só no ano de 2013 decidiu retornar os estudos por incentivo da sua esposa.

Necessariamente, há o reconhecimento do papel da escola na vida dos alunos. A dimensão presente na leitura, embora reconhecendo a escola sob sua perspectiva histórica, para o jovem e o adulto, o retorno a ela implica um sentimento de estranhamento da escola, mas sublinhado pelo reconhecimento das responsabilidades do educador e do educando.

A escola é compreendida como instituição também fundante na construção do conhecimento escolar e na organização da vida individual e coletiva dos sujeitos. Nas entrevistas acima, há uma peculiaridade que chama atenção: embora haja dimensão de estranhamento pertinente para o retorno do aluno, ao instituí-lo como sujeito principal da escola, se explicita um sentimento de reencontro com a escola.

A partir disso, é possível entender que há uma combinação entre os fatos e concepções na vida dos jovens e adultos, passíveis de serem extraídas das entrevistas acima: estranhamento e reencontro da escola. É possível afirmar que esse reencontro tem a ver com a posição de aluno, já conhecida na escola, e há o estranhamento porque se volta para uma escola que no passado parecia ser dispensável.

Os professores da EJA precisam levar em consideração os aprendizados e experiências durante a história de vida desses jovens e adultos, pois se sabe que esses educandos possuem uma experiência de vida e de luta. Um dos desafios que se coloca para a EJA é combinar a história de vida desses estudantes e o conhecimento histórico acumulado para levar a novos conhecimentos. A respeito disso, o professor A relata que:

(03) Luciana Guimarães³: Nós, professores, devemos levar em consideração que esses alunos trazem com eles uma trajetória de vida que serve muitas vezes de exemplo para a gente. A gente aqui na escola não faz assim, um tipo de atividade para cada tipo de aluno, sabe? Porque isso também não teria jeito, mas a gente procura trabalhar com eles da forma mais simples possível, porque se a gente chegar aqui e querer que eles aprendam as coisas de um dia para o outro não vai funcionar.

A professora Luciana deixa visível em sua entrevista do ‘lugar’ pedagógico do aluno enquanto sujeito de vivências. Afirma que na escola “não tem jeito” de fazer um trabalho pedagógico diferenciado para cada aluno, e também afirma sobre o “cuidado” para orientar o trabalho de “forma mais simples”. Reconhece, em princípio, que a EJA pela sua peculiaridade de ensino voltada para jovens e adultos tem de priorizar um trabalho pedagógico distinto,

³ Luciana Guimarães é formada em História pela Universidade Federal do Estado de Mato Grosso do Sul e pós-graduado em História e Cultura no Brasil. Atua na educação escolar desde 2002 e na EJA desde 2007.

desde que essa distinção tenha vinculação com a permanência do aluno no seu reencontro com a escola.

É importante que haja uma organização do trabalho pedagógico com jovens e adultos quando se pretende promover o conhecimento escolar na perspectiva de reconstrução baseada no entendimento dos processos cognitivos, deduzido pela análise das relações do aluno com seu meio.

Entretanto, a falta de uma abordagem referente à EJA na formação acadêmica dos docentes não é o único desafio para os profissionais da educação. Isso porque a EJA contempla os mais diversos tipos de público, o que muitas vezes dificulta a concepção de organização de ensino que contemple as necessidades dos educandos de forma global.

[...] os sujeitos da EJA hoje são diversos: trabalhadores, aposentados, jovens empregados e em busca do primeiro emprego; pessoas com necessidades educativas especiais, para citar alguns. Daí decorre também a preocupação com o conceito de diversidade cultural no contexto da EJA. Os sujeitos da EJA atualmente são o trabalhador experiente e o jovem com outro tipo de experiência no mundo (SOUZA, 2011, p. 20).

Nesse sentido, é necessário ver o aluno em sua historicidade, um sujeito de vivências, promovendo condições de ensino e aprendizagem capazes tanto no campo do conhecimento formal quanto das relações que envolvem existências. A escola para se direcionar a historicidade dos alunos tem de ser pensada na construção do conhecimento do sujeito, potencializando saberes fazer e pensar dos sujeitos alunos da EJA.

Portanto, o docente exerce um papel fundamental para com a formação dos educandos, sejam eles matriculados no ensino regular ou no ensino da modalidade EJA. São as ações desse profissional aliadas às condições em que são desenvolvidas as práticas pedagógicas, que irão nortear o desempenho e o alcance dos resultados almejados pelos educandos e por ele próprio enquanto mediador e articulador.

4 CONDIÇÕES EM QUE SÃO DESENVOLVIDAS AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Levando-se em conta a importância do papel do educador no processo de conscientização do aluno diante de sua realidade, o professor não poderá, ao trabalhar com esses jovens e adultos excluídos da educação formal, lançar mão dos métodos tradicionais de ensino, que já não o atraíram para a escola anteriormente, mas sim, utilizar-se de uma didática

inovadora e motivadora, com técnicas e práticas pedagógicas que estejam de acordo com as condições e expectativas dessa clientela diferenciada.

Trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos significa conscientizar-se de que é necessário utilizar estratégias para criar vínculos afetivos e socializações, promovendo o ensino para o sujeito. A EJA deve proporcionar ainda o pensamento crítico: aluno precisa entender-se como oprimido, mas só isso não é o suficiente, até porque, muitas vezes, o oprimido quer sair da sua condição, não no sentido da libertação, mas sim para tornar-se opressor.

Dessa maneira, faz-se necessário desenvolver a criticidade, que leve o indivíduo no caminho da exorcização do opressor que habita nele e, assim, ele possa mudar a ordem social desigual.

O educador democrático não pode negar-se o dever de na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito. Mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (FREIRE, 1996, p. 26).

Vale ressaltar que o diálogo é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo que os alunos do CEJA Silva Freire trazem com eles uma bagagem de conhecimentos que são primordiais para sua formação e atuação em determinado contexto social. É papel do professor, por meio do diálogo, valorizá-los.

[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade do pensar dos educandos mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar de isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação em torno, repitamos de uma realidade. (FREIRE, 2007, p. 74).

A Educação de Jovens e Adultos é um requisito básico ao saber sistematizado, necessário à conscientização e participação consequente do homem na dinâmica social, nos processos econômico, cultural e político.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões e reflexões pautadas na pesquisa com os docentes e educandos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Silva Freire, pode-se analisar as condições pedagógicas nas quais atuam esses educadores, bem como das práticas pedagógicas

no cotidiano da referida instituição, o que trouxe um diagnóstico acerca das relações entre educadores e educandos.

No que se refere à relação educador-educando, ao entrevistarmos os educandos do CEJA Silva Freire, verificou-se que eles têm uma boa relação com os docentes, ao mesmo tempo em que admitem suas dificuldades perante alguns conteúdos, o que denota um sentimento de estranhamento em relação à escola. Isso se reafirma a partir dos relatos a respeito do tempo que ficaram fora da sala de aula, sendo que os entrevistados atribuíram parte de suas dificuldades de aprendizagem e este fator.

Ao questionarmos os professores sobre a valorização das vivências desses jovens e adultos como balizadoras para as práticas pedagógicas, identificou-se que uma parcela dos entrevistados afirma que as experiências de vida devem ser consideradas para que haja eficácia na aprendizagem desses sujeitos, enquanto outra parcela alegou ser difícil o trabalho com jovens e adultos, uma vez que os conteúdos devem ser adaptados à realidade desse público. Em contrapartida, quando questionados sobre a organização escolar, todos os entrevistados consideraram que a atual organização é satisfatória para com os objetivos da EJA.

Com base nestes dados, pode-se dizer que os docentes da instituição se veem desafiados diante dessa modalidade de ensino, pelo fato de a EJA exigir uma nova metodologia de ensino, atenta às especificidades do público de jovens e adultos. Portanto, não somente a infraestrutura é um fator primordial para que os educandos tenham as condições adequadas de aprendizagem, o professor há que atuar como sujeito mediador nesse processo na medida em que possibilita que o educando associe a teoria e a prática, sem prejuízo de suas vivências pessoais.

De conjunto do desvelamento da realidade pesquisada, constatou-se o reconhecimento do papel da instituição na formação individual pelos alunos e no mesmo movimento em uma relação de estranhamento. Além disso, a perspectiva de vivências de cada sujeito educando se colocam inviabilizada e negligenciada no processo das práticas pedagógicas da EJA, em função do conhecimento formal e por um currículo escolar pronto. O reconhecimento da escola e seu papel institucional legitimada consistem ao mesmo tempo na própria negação do sujeito educando em processo e em relações, de trabalhadores que lutam para qualificar a vida.

Assim, fica claro que uma boa relação entre professor e aluno é essencial, pois muitas vezes o aluno adulto busca dentro da sala de aula um abrigo para enfrentar as dificuldades do cotidiano e no momento em que ele percebe o interesse do professor, que este sujeito é o

mediador e incentivador no processo de ensino e aprendizagem, ter um bom relacionamento ajuda seu desenvolvimento intelectual, além de incentivá-lo a continuar frequentando as aulas.

TEACHER'S ROLE IN THE RECONSTRUCTION OF EDUCATIONAL YOUTH AND ADULTS

ABSTRACT⁴

This article it was seized pedagogical conditions experienced by educators of the Youth Education Centre and Adult Silva Freire in Sinop - Mato Grosso. This study aimed to analyze and reflect the practices developed by educators of this type in order to draw a picture about the relationship between educator and student, theory and practice. To this end, qualitative research was carried out case study, whose data collection instrument consisted of interviews. It was found that the student profile is formed largely by workers and the relationship of these individuals to the school is characterized by the recognition of the role of the institution in individual training and at the same time, of estrangement.

Keywords: Education. Youth and Adult. Pedagogical practices. Role of the teacher.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Legislação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Casa Civil:** subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: abr. 2015.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Casa Civil:** subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, DF, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm>. Acesso em: maio 2015.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo técnico - censo escolar, 2010.** Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/divulgacao_censo2010_revisao_04022011.pdf>. Acesso em: 20 set. 2013.

⁴ Tradução realizada por Danieli de Oliveira Ragazi. Graduada em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop. Funcionária Pública na Prefeitura Municipal de Sinop.

DIONIZIO, Mariano. **Mariano Dionizio**: depoimento. [27 out. 2014]. Entrevistadora: Deise Roque de Oliveira. Sinop, MT, 2014. 1 aparelho celular Samsung (30 min.). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O papel do professor na reconstrução educacional de jovens e adultos.

FERREIRA, João. **João Ferreira**: depoimento. [23 out.2014]. Entrevistadora: Deise Roque de Oliveira. Sinop, MT, 2014. 1 aparelho celular Samsung (35 min.). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O papel do professor na reconstrução educacional de jovens e adultos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GUIMARÃES, Luciana. **Luciana Guimarães**: depoimento. [20 out. 2014]. Entrevistadora: Deise Roque de Oliveira. Sinop, MT, 2014. 1 aparelho celular Samsung (47 min.). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O papel do professor na reconstrução educacional de jovens e adultos.

PAIVA, V. P. **História da Educação Popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre a Educação de Adultos**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Curitiba: Xibpex dialógica, 2011.

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 22 de outubro de 2015.